

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO V—Número 1.509

Sexta-feira, 26 de Outubro de 1923

PREÇO — 20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º e Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Officinas de Impressão—Rua da Alameda, 114 e 115

Para contribuir para que a tiragem de A BATALHA aumente, basta que os seus leitores realizem uma activa propaganda, junto de todos os que sofrem uma sociedade em que os assambradores mandam e os políticos bem estipendiados obedecem.

## A GREVE DE SÃO PEDRO DA COVA

### Contra as violências das autoridades!

Pretende-se reduzir os mineiros á fome e impedi-los de reunir para sufocar o movimento

As estranhas violências cometidas pela guarda republicana devidamente comboida por agentes da P. S. E. contra os mineiros de São Pedro da Cova, revelam até que ponto existe da parte das autoridades, uma cumplicidade com a empresa exploradora das minas afim de sufocar a greve.

A invasão da guarda republicana, o cerco realizado pela mesma guarda, as prisões de mineiros efectuadas pelos agentes da P. S. E., a que objectivo obedecem? Ao de pôr fim á greve, forçando os mineiros a descer ás minas vencidos, porventura em piores condições em relação ás que se encontravam a quando do início do seu justíssimo movimento.

A resistência dos mineiros tem causado profunda indignação á empresa mineira que entende ser obra louvável a que ela pretende exercer, tendo a amontoar-lhe oiro, criaturas que nem para se alimentar ganhavam. Evidentemente que os supinos exploradores das minas de São Pedro da Cova não podem tolerar que os seus explorados se revoltassem contra a exploração e em revolta se mantinham até que as suas justas reclamações triunfem. Que a empresa das minas pretenda dar a fome aos mineiros, em troca das fortunas que esses trabalhadores lhe toem metido nos cofres, compreende-se. Compreende-se, não porque essa exploração possa ter desculpa ou ligeiríssima atenuante, mas por ser hábito inveterado da referida empresa, consagrar-se a reduzir os mineiros ás piores contingências económicas.

Mas, que as autoridades, assumam pela violência e extrema arbitrariedade, a mesma indignação da empresa das minas, é que é extremamente revoltante. Então as autoridades são, porventura, acionistas das minas? Pretendem elas que os mineiros sejam reduzidos á condição dos escravos antigos, isto é, a viverem na absoluta dependência da vontade da empresa das minas, sem o menor direito a reacção? Pretendem também negar aos mineiros o direito de reclamar, sem a menor sombra de exagero, um salário que lhes permita satisfazer as necessidades mais rudimentares que a conservação da vida e a própria natureza do seu trabalho.

Indignação que a atitude das autoridades provocou entre o proletariado do Porto foi enorme não sendo de admirar que ela não venha duma maneira ostensiva e enérgica a afirmar-se um gesto colectivo. Será preciso dizer que os trabalhadores de todo o país compartilham da indignação do proletariado português? A atitude das autoridades deve o proletariado consciente aplicar condignamente afirmando aos mi-

neiros perseguidos a sua inquebrantável solidariedade.

#### PRISÕES

As violências cometidas pela força da guarda republicana e pelos agentes da P. S. E. atingiram pessoalmente vários mineiros que vieram de São Pedro da Cova para o Porto escoltados por cavalaria. São eles, os seguintes: Joaquim de Almeida França, Lourenço França, José Alves, António Moreira Branco, António Pinto de Oliveira, António Almeida França e Raimundo Martins.

Recolheram ao aljube. O comité dirigente da greve dos mineiros de São Pedro da Cova, em face dos acontecimentos de ontem, resolveu protestar contra a atitude das autoridades e distribuir diáriamente uma proclamação aos mineiros notificando-os de que se fôr passando.

O mesmo comité deliberou retirar a comissão de «denúncias» os poderes de solução do movimento até que as autoridades reabram as cozinhas e associação e ponha em liberdade os presos.

Uma nota do Comité O comité dirigente da greve dos mineiros de São Pedro da Cova, em face dos acontecimentos de ontem, resolveu protestar contra a atitude das autoridades e distribuir diáriamente uma proclamação aos mineiros notificando-os de que se fôr passando.

U. S. O. do Porto. A U. S. O. do Porto, interpretando o sentir do proletariado português convoca as direcções de todos os sindicatos a reunirem-se hoje, ás 21 horas, na sua sede, afim de serem tomadas resoluções definitivas em face das últimas e inqualificáveis violências cometidas contra os mineiros de São Pedro da Cova.

Um agente de polícia morto a tiro Ontem, cerca do meio dia, o agente da P. S. E., João Martins Araújo, quando descia as escadilhas das Orlarias, foi alvejado com três tiros que o atingiram na cabeça, dando-lhe morte instantânea.

As som das detonações compareceram vários guardas, entre eles o n.º 785 da 9.ª esquadra, que prendeu Raúl Ondrío, de 16 anos, sapateiro, como autor do atentado, sendo o corpo do agente Araújo conduzido pelos restantes guardas ao hospital de S. José, onde, depois de verificado o óbito pelo dr. sr. Alberto Mac Bride, recolheu o cadáver á morgue.

Duas revoluções Nacionalismo filipino...

MANILA, 25. — A situação atingiu um ponto agudo. Os dirigentes parlamentares dizem que o único caminho é o da revolução. Só assim se conseguirá proclamar a independência das Filipinas, expulsar o governador geral Leonard Wood e substituir o governo por indivíduos filipinos.

confusionismo grego ATENAS, 25. — Apesar do governo dizer que os revolucionários estão completamente submetidos, contudo, todas as organizações revolucionárias mantêm-se ainda no Peloponeso.

lógicas nada tem de comum com o marxismo. Não há analogia material entre os ciclos históricos da burguesia e da classe trabalhadora. O desenvolvimento da cultura burguesa começou alguns séculos antes que a burguesia tivesse, por uma série de revoluções, conquistado o poder político. Sendo apenas um terceiro Estado desprovido de direitos, ela representava um importante papel, constantemente engrandecendo-se, no domínio da cultura. Pode-se bem fazer ideia disso pela arquitectura. As catedrais góticas não foram construídas dum só facto sob o império da inspiração religiosa. A catedral de Colônia resume, na sua arquitectura e na sua escultura, toda a experiência da humanidade, desde a primeira adaptação das cavernas; é a amalgama dos elementos dessa experiência num estilo novo exprimindo a cultura da sua época, isto é, em última análise, a sua estrutura social e a sua técnica.

A antiga pré-burguesia dos Quilés e dos mestres, criou o gótico. Em seguida, tendo-se desenvolvido e consolidado, isto é, enriquecido, a burguesia excedeu, desde então conscientemente, o gótico e criou o seu próprio estilo arquitectónico, que não tem sido já o das igrejas, mas o dos hotéis particulares e dos palácios. Apoiou-se sobre as conquistas do gótico, inspirada na antiguidade—principalmente na arquitectura romana—aproveitou o mourisco, tudo adaptou ás necessidades da cidade nova e criou o estilo renascença (na Itália, cerca de 1425).

Os especialistas podem enumerar e enumeram que elementos deve o estilo renascença á antiguidade e ao gótico;

neiros perseguidos a sua inquebrantável solidariedade.

#### PRISÕES

As violências cometidas pela força da guarda republicana e pelos agentes da P. S. E. atingiram pessoalmente vários mineiros que vieram de São Pedro da Cova para o Porto escoltados por cavalaria. São eles, os seguintes: Joaquim de Almeida França, Lourenço França, José Alves, António Moreira Branco, António Pinto de Oliveira, António Almeida França e Raimundo Martins.

Recolheram ao aljube. O comité dirigente da greve dos mineiros de São Pedro da Cova, em face dos acontecimentos de ontem, resolveu protestar contra a atitude das autoridades e distribuir diáriamente uma proclamação aos mineiros notificando-os de que se fôr passando.

O mesmo comité deliberou retirar a comissão de «denúncias» os poderes de solução do movimento até que as autoridades reabram as cozinhas e associação e ponha em liberdade os presos.

Uma nota do Comité O comité dirigente da greve dos mineiros de São Pedro da Cova, em face dos acontecimentos de ontem, resolveu protestar contra a atitude das autoridades e distribuir diáriamente uma proclamação aos mineiros notificando-os de que se fôr passando.

U. S. O. do Porto. A U. S. O. do Porto, interpretando o sentir do proletariado português convoca as direcções de todos os sindicatos a reunirem-se hoje, ás 21 horas, na sua sede, afim de serem tomadas resoluções definitivas em face das últimas e inqualificáveis violências cometidas contra os mineiros de São Pedro da Cova.

Um agente de polícia morto a tiro Ontem, cerca do meio dia, o agente da P. S. E., João Martins Araújo, quando descia as escadilhas das Orlarias, foi alvejado com três tiros que o atingiram na cabeça, dando-lhe morte instantânea.

As som das detonações compareceram vários guardas, entre eles o n.º 785 da 9.ª esquadra, que prendeu Raúl Ondrío, de 16 anos, sapateiro, como autor do atentado, sendo o corpo do agente Araújo conduzido pelos restantes guardas ao hospital de S. José, onde, depois de verificado o óbito pelo dr. sr. Alberto Mac Bride, recolheu o cadáver á morgue.

Duas revoluções Nacionalismo filipino...

MANILA, 25. — A situação atingiu um ponto agudo. Os dirigentes parlamentares dizem que o único caminho é o da revolução. Só assim se conseguirá proclamar a independência das Filipinas, expulsar o governador geral Leonard Wood e substituir o governo por indivíduos filipinos.

confusionismo grego ATENAS, 25. — Apesar do governo dizer que os revolucionários estão completamente submetidos, contudo, todas as organizações revolucionárias mantêm-se ainda no Peloponeso.

lógicas nada tem de comum com o marxismo. Não há analogia material entre os ciclos históricos da burguesia e da classe trabalhadora. O desenvolvimento da cultura burguesa começou alguns séculos antes que a burguesia tivesse, por uma série de revoluções, conquistado o poder político. Sendo apenas um terceiro Estado desprovido de direitos, ela representava um importante papel, constantemente engrandecendo-se, no domínio da cultura. Pode-se bem fazer ideia disso pela arquitectura. As catedrais góticas não foram construídas dum só facto sob o império da inspiração religiosa. A catedral de Colônia resume, na sua arquitectura e na sua escultura, toda a experiência da humanidade, desde a primeira adaptação das cavernas; é a amalgama dos elementos dessa experiência num estilo novo exprimindo a cultura da sua época, isto é, em última análise, a sua estrutura social e a sua técnica.

A antiga pré-burguesia dos Quilés e dos mestres, criou o gótico. Em seguida, tendo-se desenvolvido e consolidado, isto é, enriquecido, a burguesia excedeu, desde então conscientemente, o gótico e criou o seu próprio estilo arquitectónico, que não tem sido já o das igrejas, mas o dos hotéis particulares e dos palácios. Apoiou-se sobre as conquistas do gótico, inspirada na antiguidade—principalmente na arquitectura romana—aproveitou o mourisco, tudo adaptou ás necessidades da cidade nova e criou o estilo renascença (na Itália, cerca de 1425).

Os especialistas podem enumerar e enumeram que elementos deve o estilo renascença á antiguidade e ao gótico;

### Henri Barbusse vai ser perseguido!

Corajosa atitude do grande escritor francês

No dia 4 do mês corrente, na última sessão do 3.º Congresso dos Antigos Combatentes, realizado em Berlim, o admirável autor do *Le Feu* e da *Clarté*, dirigiu aos soldados do exército francês da ocupação do Reno as seguintes nobres e corajosas palavras:

«Se vos ordenarem o marchar contra os vossos irmãos alemães que trazem, nos seus peitos e nas suas mãos a salvação do proletariado, recusai-vos! Meditai de que lado se encontra a vossa causa e o vosso destino antes de obedecer aos vossos chefes.

«Se, quando regressar a França, sobre mim forem exercidas represálias por este apelo á desobediência, sentimei bastante orgulhoso.»

O grande escritor teve a previsão do que aconteceria.

De facto, no seu regresso, recebeu intimação para comparecer diante dos juizes, diante da famosa justiça burguesa, servil defensora da política monstruosa de Poincaré.

Entrevistado por Marcel Fourrier, Henri Barbusse fez as seguintes perentórias declarações que muito o nobilitam:

«Esperava as perseguições. As palavras que pronunciei não foram ditas ao acaso. Antes de as proferir tinha-as meditado longamente, tendo a esperança delas serem escutadas pelos soldados franceses.

«Nas circunstâncias excepcionais em que me encontrava, fiz o meu dever. Agi com a consciência que todos os antigos combatentes franceses, alemães, austríacos, ingleses e belgas da nossa Internacional, estavam a meu lado.

«Depois do Congresso usei da palavra em dois grandiosos comícios em Berlim. Diante de grandes multidões disse o que entendi ser o meu dever. Combati dum maneira acerba e continua o governo alemão, que comparei ao governo francês. Ele não é alemão, como o outro não é francês mas sim internacional, no sentido burguês e capitalista desta palavra.»

Devia ter falado em muitos comícios de várias cidades alemãs, mas estes comícios, á excepção do de Hamburgo, foram proibidos.

Falando da situação da Alemanha, o notável escritor acrescenta:

«A revolução, na Alemanha, está prestes a estalar. Consta-se de uma oposição formal entre a opulência dum minoria e a miséria espantosa e indizível dos trabalhadores e da classe média.

Metalúrgicos sem trabalho

A comissão de melhoramentos do S. U. Metalúrgico prevê de novo todos os operários metalúrgicos sem trabalho de que devem inscrever-se, das 18 ás 22 horas, na sede do sindicato, a fim de que a mesma comissão possa pôr em prática trabalhos referentes á situação actual, do que tem estado inibida por falta dos elementos indispensáveis á acção a dispendir contra a crise que se está fazendo sentir na indústria.

TRABALHADORES: Lêdo a BATALHA

### Prossegue a agitação na Alemanha

Os actuais acontecimentos são o prólogo duma — grande revolução destrutiva e renovadora —

A Alemanha, mercê da política maquiavélica de Poincaré, entrou em desagregação. Na aparência, todos os maneios de Poincaré, tendem a que esse país se submeta ás exigências franco-belgas, no que se refere á questão das reparações. Mas de facto o objectivo de Poincaré é o desmembramento da Alemanha. O movimento separatista observado na Renânia é protegido quasi absolutamente pelas tropas de ocupação.

Mercê dessa política de provocação e de rapina, os acontecimentos precipitam-se. Todos os descontentamentos estão vindo á superfície. E o povo alemão lançado na miséria e no desespero que colididamente manifesta em protestos colectivos que uma repressão activa e feroz logo agrava e ensanguenta. Da sua miséria e do seu desespero originários da política de Poincaré, da desumana exploração dos capitalistas alemães e das violências do governo alemão, há a esperar um grande movimento revolucionário cujas probabilidades de vitória merecem ser tomadas em linha de conta. Esse movimento revolucionário que sem dúvida acontecerá aspectos destrutivos e renovadores, já se esboça nitidamente. Os actuais acontecimentos operários, as greves e os protestos que continuamente vão estalando constituem o prólogo duma grande revolução que provavelmente não tardará a empolgar todo o país. Por enquanto, ainda não é a revolução.

E' proclamada a república no Palatinado

BERLIM, 25. — Os leaders socialistas auxiliados pela França tentaram desagregar mais a Alemanha declarando a república no Palatinado.

O parlamento local recusou-se a obedecer ás ordens do major Louis, delegado da comissão renana, que lhes ordenou que reconhecessem o movimento. O Palatinado devia separar-se.

O novo Estado devia aceitar a participação no problema das reparações, cumprir o disposto no Tratado de Versailes e garantir a segurança da França.

O presidente do Parlamento do Palatinado declarou que responderia ás quatro horas. Depois de ter uma conferência com os leaders dos partidos tornou a responder que o Parlamento se declarava incompetente para resolver essa questão.

A declaração da república no Palatinado teve como resultado um imediato estreitamento de relações entre o governo da Baviera e Berlim.

A conferência do Reichsrat, que devia discutir a questão entre a Baviera e Berlim adiou a sua reunião, tendo todos os ministros-presidentes de todos os Estados germânicos que se encontram em Berlim ido conferenciar com o chanceler Stresemann.

A decisão dos socialistas do Palatinado, de se separarem da Alemanha, foi tomada depois de uma longa conferência entre o burgo mestre Hilke, de Ludwigschafen, antigo primeiro ministro da Baviera; o sr. Hoffman e o advogado Wagner com o general francês Dmetz. Os socialistas pediram, por intermédio destes senhores, a estabilização da moeda, poderes autónomos dentro da confederação germânica e separação da Baviera.

O governo de Berlim diz que este

movimento é especialmente dirigido contra a Baviera por causa do mau tratamento infligido pelos bávaros aos socialistas e aos comunistas da Alemanha do Sul.

Contra a ditadura de von Kahr MUNICH, 25. — Os bávaros protestam contra a atitude do governo central que deixou a Baviera isolada na margem esquerda do Reno. Insurgem-se também contra a atitude dos socialistas de Berlim que apoiam o movimento do Palatinado por espírito de solidariedade e justificando-o pelo facto de que ele não é um movimento separatista como o do Reno, porque o Palatinado não pretende sair da confederação mas apenas separar-se da Baviera. A constituição ordena que a separação só se possa fazer por meio dum plebiscito. O «Vorwaerts» aplaude o movimento do Palatinado para ter um pretexto de atacar a política de von Kahr e von Knilling.

Conflitos na Saxónia

LONDRES, 25. — Informações de Dredse dizem que a Reichswehr prussiana entrou na cidade sem incidentes mas que quando penetrou na região industrial houve sérias colisões entre as tropas e os desempregados.

A luta entre comunistas e a polícia

HAMBURG, 25. — A luta entre os comunistas e a polícia em Vogelsende atingiu grandes proporções. Neste pobre bairro de operários os comunistas tinham-se fortificado num grupo de oito habitações. A polícia assaltou essas casas tendo tomado no primeiro assalto três detidos. Os comunistas não se deixaram apenas levantando as pedras da calçada e das janelas do qual faziam fogo vivo de fuzilaria contra a polícia, causando-lhes muitas baixas. A polícia solicitou reforços tendo desembarcado marinheiros de navios de guerra com canhões, revólveres e metralha-

doras pesadas com as quais bombardearam o edifício durante 10 minutos, passando os quais a polícia assaltou, e se apoderou do mesmo.

Foram aprisionados 16 comunistas e várias mulheres entre elas uma rapariga de dezasseis anos que desfechou a sua pistola sobre o primeiro polícia que a prendeu. A maior parte dos comunistas fugiram pelo telhado travando-se aí novos combates que se estenderam aos telhados das casas próximas.

As perdas dos comunistas foram muitas e pesadas e sofreram uma grande derrota. Apenas em Schissbak estão algumas centenas de comunistas contra os quais a polícia vai exercer a sua acção. Supõe-se que as perdas dos comunistas excedem duas centenas de indivíduos. A população discute nervosamente os acontecimentos. Os estabelecimentos do centro da cidade estão guardados por forças de polícia e os dos arrabaldes estão fechados. A câmara municipal onde está o quartel geral da polícia e todos os edifícios públicos estão defendidos por arame farpado. Os trabalhadores das docas estão em greve reclamando mais 50 % de aumento dos seus salários.

O movimento dos comunistas, aproveitando-se da dolorosa situação económica, visava a intuições políticas, obedecendo a um plano preconcebido que tinha por fim proclamar em Hamburgo uma república de sovietes. O chefe supremo da polícia disse ter provas de que se planeava um movimento idêntico em Bremen. Foram presos 150 indivíduos culpados dos recentes acontecimentos entre eles três deputados ao Parlamento de Hamburgo.

Vão ser julgados perante o tribunal marcial. A conspiração em que tinham tomado parte Rahl, Zetter e Lindau tinha sido organizada há dez dias. Mais de 2.000 comunistas estavam armados de espingardas com grandes carregadores e de pistolas automáticas. A polícia diz que encontrou grande resistência, que sofreu grandes perdas que a dominou completamente a situação e conta dominá-la de futuro. A maior parte dos revoltosos que foram presos tem de 18 a 25 anos.

Este processo atravessa naturalmente fases de fluxo e refluxo. O comunismo de guerra é substituído pela N. E. P. e a N. E. P. por sua vez evoluciona.

«Mas a ditadura do proletariado não é, no fundo, a organização de produção e de construção da sociedade nova; é uma ordem de combate revolucionário em prol da sociedade nova.»

E' preciso não o esquecer. O historiador do futuro fixará, julgamos nós, o ponto culminante da cultura da velha sociedade, na data de 2 de Agosto de 1914, quando a poderosa cultura burguesa, tomada dum loucura súbita, pôz o mundo em chamas e em sangue, da guerra imperialista.

A nova história da humanidade começará, sem dúvida, na data de 7 de Novembro de 1917 e as novas «etapas» principais do desenvolvimento da humanidade poderão classificar-se assim: pré-história; antiguidade (cujo desenvolvimento se faz, graças á escravidão); idade-média (servidão); capitalismo e exploração do salariato; e em fim o socialismo com a sua passagem, que é preciso ter esperança de que seja sem dor, para a comunha sem autoridade. Em qualquer estado de coisas, os 20, 30 ou 50 anos, que durar a revolução proletária mundial, marcarão na história uma época de transição — entre duas sociedades—extremamente penosa, e não a época de cultura proletária.

«De La Correspondance Internationale.»

## REVOLUÇÃO E CULTURA PROLETARIANA

Como se formou a cultura burguesa—O que se pode entrever da sociedade futura—Será possível uma cultura e arte proletária?

Toda a classe dirigente cria a sua cultura e a sua arte. A história conheceu as culturas das sociedades escravagistas do Oriente e da antiguidade clássica, a cultura feudal da idade média europeia, a cultura burguesa que actualmente reina no mundo.

Parece dever-se concluir disto que o proletariado deverá também criar a sua cultura e a sua arte.

Mas a questão não é tão simples. As sociedades escravagistas duraram longos séculos. A feudalidade também. A cultura burguesa—se a quisermos mesmo datar das suas primeiras manifestações impetuosas, isto é, da renascença—tem já cinco séculos atrás de si e não atingiu o apogeu senão na segunda metade do século XIX. A formação dum cultura nova em torno dum classe dominante, exige, pois, tempo, e não se acaba senão numa época que precede o declínio político dessa classe.

O proletariado terá tempo de criar uma cultura proletária? Ao contrário dos escravagistas, dos feudais, dos burgueses, o proletariado concebe a sua ditadura como uma curta época transitória. Quando pretendemos reagir contra vistas demasiado optimistas da transição para o socialismo, recordamos que a era da revolução social dura há anos, há dezenas de anos. Nem há séculos, nem há milénios, todavia. Poderá o proletariado criar a sua cultura no espaço de tempo que tem de ser? A este respeito, são tanto mais legítimas as dúvidas quanto os anos de revolução social forem preenchidos de cruéis lutas de classes, nas quais haverá mais lugar para destruir do que para edificar. Em todo o caso, as principais energias do

proletariado tenderão para a conquista, para a conservação, para a utilização imediata e vital do poder e para a continuação da luta.

E o proletariado se manifestará plenamente com o máximo de intensidade, na natureza de classe, nesta época revolucionária na qual as possibilidades de acção cultural sistemática são tão restritas. Em compensação, quanto melhor o novo regime estiver assegurado contra as perturbações políticas e militares, tanto melhores serão as condições de desenvolvimento facultadas á cultura e mais rapidamente o proletariado se dissolverá na sociedade socialista, perdendo os seus característicos de classe, cessando de ser proletariado.

Por outras palavras: Durante a ditadura, não se pode tratar de criar uma nova cultura, isto é, empreender uma obra da maior amplitude histórica. E a cultura inteiramente nova que surgir, quando cessar a necessidade de impor ao proletariado a armadura de ferro da ditadura, não será uma cultura de classe. Do que precede se tira uma conclusão geral: que não há cultura proletária e que não a haverá e que não há também motivo para nos entristecermos com isso, porque o proletariado não tomou o poder senão para acabar definitivamente com a cultura de classes e abrir o caminho a uma cultura humana. Parece que muitas vezes esquecemos isto.

As vagas teorias sobre a cultura proletária, concebidas por analogia e por antítese com a cultura burguesa, resultam de comparações entre o proletariado e a burguesia, ás quais o espírito crítico é inteiramente estranho. O método liberal simplista das analogias his-

tóricas nada tem de comum com o marxismo. Não há analogia material entre os ciclos históricos da burguesia e da classe trabalhadora.

O desenvolvimento da cultura burguesa começou alguns séculos antes que a burguesia tivesse, por uma série de revoluções, conquistado o poder político. Sendo apenas um terceiro Estado desprovido de direitos, ela representava um importante papel, constantemente engrandecendo-se, no domínio da cultura. Pode-se bem fazer ideia disso pela arquitectura. As catedrais góticas não foram construídas dum só facto sob o império da inspiração religiosa. A catedral de Colônia resume, na sua arquitectura e na sua escultura, toda a experiência da humanidade, desde a primeira adaptação das cavernas; é a amalgama dos elementos dessa experiência num estilo novo exprimindo a cultura da sua época, isto é, em última análise, a sua estrutura social e a sua técnica.

A antiga pré-burguesia dos Quilés e dos mestres, criou o gótico. Em seguida, tendo-se desenvolvido e consolidado, isto é, enriquecido, a burguesia excedeu, desde então conscientemente, o gótico e criou o seu próprio estilo arquitectónico, que não tem sido já o das igrejas, mas o dos hotéis particulares e dos palácios. Apoiou-se sobre as conquistas do gótico, inspirada na antiguidade—principalmente na arquitectura romana—aproveitou o mourisco, tudo adaptou ás necessidades da cidade nova e criou o estilo renascença (na Itália, cerca de 1425).

Os especialistas podem enumerar e enumeram que elementos deve o estilo renascença á antiguidade e ao gótico;

que influencias são nele mais fortes. O estilo renascença não surgiu, é isso essencial, senão quando a nova classe social, já dotada dum cultura, se sente bastante forte para se subtrair ao jugo do gótico e considerá-lo, assim como aos estilos precedentes, como uma matéria a tratar livremente segundo as novas necessidades artísticas. Isto se refere igualmente ás outras artes, com a diferença de que, mais flexíveis, menos dependentes da matéria e dos fins utilitários, as artes «livres» manifestam a dialéctica da sucessão e da utilização dos estilos por meio de obras que não têm a firmeza convincente das que foram talhadas na pedra.

Entre a renascença e a reforma que tiveram como tarefa procurar para a burguesia, na sociedade feudal, uma melhor condição ideológica e política, entre a renascença e a reforma, dum lado, e a revolução burguesa (francesa) do outro, decorreu três a quatro séculos, durante os quais o poder material e ideológico da burguesia aumenta continuamente. A época da revolução francesa e das guerras, que a seguir, abalou momentaneamente o nível da cultura material.

Mas o regime capitalista se afirma em seguida como «natural» e «perpétuo». Assim a acumulação dos elementos da cultura burguesa e a sua cristalização em estilo, se distinguem por caracteres próprios da burguesia, classe possuidora exploradora. Ela se desenvolveu, materializando-se na sociedade feudal penetrando nesta última de mil formas, alijando-se-se, conquistou os intelectuais estabelecendo bases culturais (escolas, universidades, jornais, revistas)

muito tempo antes de conquistar o poder á frente do Terceiro-Estado. Basta recordar que a burguesia alemã, com a sua incomparável técnica, filosófica, científica e artística, deixou até 1918 o poder a uma carta feudal burocrática e não se viu na necessidade de o tomar senão quando o fundamento material da cultura alemã se derruiu.

Pode-se objectar que a cultura escravagista levou milhares de anos a criar-se, mas que para a cultura burguesa apenas foram precisos séculos. Porquê não bastariam, para a cultura proletária, algumas dezenas de anos?

As bases técnicas da vida não são já absolutamente as mesmas hoje que outrora. O ritmo das evoluções é também mais rápido. O argumento, muito forte na aparência, não toca o fundo da questão. E' certo que chegará um momento no desenvolvimento da sociedade nova, em que a economia, a cultura, a arte terão a maior liberdade de movimento de progresso. Mas, a este respeito apenas podemos entregar-nos a conjecturas fantasistas.

Numa sociedade que se tiver desembaraçado do acabrunhante lacerado do pão de cada dia; em que restaurantes colectivos fornecerão a todos uma alimentação sã, bem preparada, adaptada á variedade dos gostos, em que as lavandarias comunitárias lavarão bem a roupa de toda a gente; em que as crianças—todas as crianças—bem alimentadas, de boa saúde e alegres absorverão os elementos da ciência e da arte como o ar e a luz do sol; em que a electricidade e a radioactividade, em vez de serem utilizadas, como hoje, de maneira primitiva, constituirão inexgotáveis fon-

tes de energia centralizada e racionalmente governada; em que não haverá «bócas inúteis»; em que o egoísmo libertado do homem—potência formidável—não tenderá senão para o conhecimento para a transformação, para o aperfeiçoamento do universo—nesta sociedade o dinamismo da cultura não será comparável a nada do que conhecemos do passado. Mas só lá chegaremos após uma longa e penosa transição que está ainda quasi toda em nossa frente. E nós falamos exatamente da época de transição.

«Mas o tempo presente não é dinâmico? Não mais alto grau! Sómente o seu dinamismo concentra-se na política.

A guerra e a revolução são dinâmicas, mas, em enormes proporções, de destrimento da técnica e da cultura. A guerra suscitou bem numerosas invenções técnicas; mas a pobreza que causou como consequência, impediu a aplicação delas, susceptível, em outro tempo, de revolucionar os costumes.

Tal é o caso das aplicações das energias radioactivas, da aviação e de muitas descobertas químicas.

A revolução apiana o caminho para a sociedade nova, mas fá-lo com os métodos da antiga sociedade: luta de classes, violência, extermínio, destruição. Se a revolução proletária não sobreviver, a humanidade sufocar-se-á nas suas contradições. A revolução salva-a e salva a cultura, mas por meio de operação cirúrgica mais cruel.

Todas as forças activas se concentram na política, na luta revolucionária;



# Os ferroviários do Estado

**Nota oficiosa do S. S. — Um comunicado — M. e D. vai depôr o seu mandato — Um apêlo da U. F. V. em favor dos ferroviários que se encontram presos**

## NOTA OFICIOSA

Foi antecedido pôsto em liberdade o ferroviário José Augusto Monteiro, que se achava preso no quartel de infantaria 17, em Beja, tendo sofrido uma detenção infusa e vingativa durante muitos dias por vontade de alguns oficiais daquele regimento. Para se conseguir a sua libertação, foi pelo ministro do Interior passado um telegrama a Beja comunicando a ordem de soltura, e depois das constantes demarches da respectiva Comissão.

Foram ontem postos em liberdade os ferroviários Margelino da Costa, Francisco Zorro e Aníbal Maria dos Santos, que se encontravam presos no Governo Civil de Lisboa, sendo os últimos a saírem da prisão depois do protesto do dia 3.

Não havendo mais ferroviários presos a Comissão de Demarches constituída por delegados da Federação Ferroviária, do Conselho Jurídico da C. G. T. e do Sindicato do Sul e Sueste, considera terminada a sua missão. Cumpridos os seus encargos, os delegados da Comissão, que nem um dia deixaram de trabalhar, conseguindo demover todos os obstáculos que se opunham à rápida libertação dos ferroviários presos. O tabaco que existia, resto do que foi utilizado pelos ferroviários presos e que constituía as dadas dos muitos camaradas e pessoas amigas que visitaram os presos, foi entregue à Batalha com destino aos presos por questões sociais.

Continuam no Sul e Sueste o regime do arbítrio e da violência. Por determinação da direcção vão ser feitos inquéritos sobre os factos ocorridos durante o protesto do dia 3.

Tam ridícula e absurda é tal determinação, que Raúl Esteves, após setenta dias de greve, não mandou fazer um único inquérito. Se não procedesse assim ainda hoje se faziam inquéritos. Quanto tempo durará a farsa dos inquéritos? Veremos. Até lá continuaremos

numa situação indefinida os ferroviários que estiveram presos?

Pela Direcção do Sul e Sueste foram nomeados para proceder aos inquéritos os seguintes Chefes de Serviço: do pessoal do Movimento, o sr. Vasco Lupat do pessoal de Via e Obras, o sr. João dos Santos Pimenta; do pessoal de Material e Tracção, o sr. Bartolomeu da Cunha.

Preguntamos ao sr. ministro do Comércio, ao sr. António Maria da Silva: ao sr. Governador Civil de Lisboa:

E quem vai fazer o inquérito à administração do sr. Rosa Mateus e aos actos e responsabilidades do director do Sul e Sueste, em face das acusações que o pessoal e o público fazem?

## Um comunicado

Do ferroviário do Sul e Sueste Amílcar Paiva recebemos um comunicado condenando a atitude indigna de meia dúzia de indivíduos que, constituindo uma quadrilha, pretendem estabelecer o confusãoismo entre os ferroviários das duas linhas.

Como existem laços de parentesco entre o autor do comunicado e um dos atingidos e para não sermos acusados de aproveitar essa circunstância afim de atacarmos a repulente criatura, absteremo-nos de lhe dar publicidade, a certeza de que esta nossa resolução será aceite por aquele ferroviário.

## NOTA OFICIOSA DA UNIÃO FERROVIÁRIA

A comissão de demarches dos ferroviários do Minho e Douro, vai depôr o seu mandato numa próxima assembleia de classe.

Esta resolução, tomada de acordo com os membros do Sul e Sueste que da comissão fazem parte, é motivada por, após os últimos trabalhos realizados em Lisboa na Administração Geral e junto do governo, se ter verificado a intransigência em que o Conselho de Administração se colocou perante os

pontos, considerados mais importantes, das nossas reclamações.

Contra a vontade expressa da classe inteira, manter-se há as promoções por distinação e escolha e outras das disposições de reorganização que representam uma violência que a classe não poderá suportar senão num estado de excitação absolutamente contrário às necessidades de produção e desenvolvimento de que os Caminhos de Ferro indistintamente carecem.

A comissão, ao entregar à classe a defesa dos seus direitos, cre que cumpre um dever imposto até pela necessidade de se verificar até onde pode levá-la a desconsideração que lhe é feita, não se atendendo as suas reclamações sobre a reorganização e melhoria de vencimentos.

Afirma categoricamente a mesma comissão os seus desejos de conciliação expressos nas suas conferências que duraram até ao dia em que o protesto do Sul e Sueste teve eclosão, pois às 19 horas desse dia ainda esperava no ministério do Comércio ser recebida pelo titular dessa pasta, e faz votos, ao considerar terminados os seus trabalhos com as demarches realizadas na passada segunda-feira, para que um ponto de rudeza, que o bom senso aconselha, faça com que no mais curto prazo de tempo o governo, reconsiderando, venha, em nome da Justiça, ao encontro da razão que assiste à classe.

Ao ministro do Comércio cabem responsabilidades que sua ex.ª não engulfa, por ter afirmado que as resoluções do Conselho seriam por ele apreciadas com os delegados do pessoal nos pontos divergentes, para os quais lhe ficaria em última instância como árbitro, provando assim que não triunfava, como mere capricho, os pontos de vista de quem elaborou a reorganização, contrários a todos os direitos dos ferroviários e da moralidade ofendida.

Porto, 24 de Outubro de 1923.  
A Comissão de Demarches dos ferroviários do Minho e Douro

# A BATALHA

## C. G. T.

### Conselho Confederal

Reúne hoje, pelas 23 horas, para atender expediente recebido, que requer urgente resolução, e apreciar o relatório da comissão administrativa de A Batalha.

### Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariade

Reúniu ontem, tendo apreciado as perseguições aos mineiros de São Pedro da Cova e as prisões efectuadas. Para tratar do mesmo assunto, reúne hoje novamente o Secretariado, pelas 21 horas.

### COMUNICAÇÕES

**Federação da Construção Civil.** — A comissão administrativa, em reunião convocada para o efeito, ocupou-se das causas porque a nota oficiosa de resposta a uma circular da Secção Federal de Propaganda do Norte não é publicada em A Batalha, resolvendo que esta fosse impressa.

Emquanto a mesma não for enviada aos Sindicatos e Associações aderentes, em especial do Norte, devem estes organismos terem em atenção a resolução anteriormente aprovada, cujo extracto foi já publicado, no sentido de se manifestarem só depois de terem conhecimento do conteúdo da referida nota oficiais.

**Refinadores de Açúcar.** — Reúniu ontem a assembleia geral que continuou apreciando a necessidade de aderir à C. G. T. e à U. S. O., tendo nomeado para a Comissão Administrativa João Esteves, Márcio Pereira Pinto e Manuel Ribeiro, e para a Comissão de Melhoramentos João Gomes, José Antunes Dias, Lagôa e José Dias.

**Encadernadores e Anexos.** — Reúniu ontem a direcção, que apreciou os pontos de expediente interno, bem como anotou os trabalhos em trânsito da comissão liquidatária da oficina sindical que está ultimando no sentido de tornar os mesmos públicos.

Resolveu também ratificar a acção da realização da conferência inter-sindical de Lisboa e nomeação dos respectivos delegados à mesma que são os camaradas Armando Ramos, António Monteiro e Aníbal Pinheiro.

**Liga dos Oficiais de Marinha Mercante.** — Realizou-se a assembleia geral desta agremiação para nomeação dos delegados à União das Associações de Marinha Mercante Portuguesa, restando a votação por unanimidade e por aclamação nos srs. António Lopes Ferreira, efectivo, e Flávio Cruz e Romão Esteves, substitutos.

Tratou-se da exigência de compromissos a vários oficiais pilotos por parte da Companhia Nacional de Navegação, sendo respondido aos consultantes que tinha sido deliberado anteriormente que não se matriculassem não com pessoal civil, português e habilitado, como anteriormente em uso, ficando uma comissão encarregada de assim o comunicar a todos os colegas, e evitar atritos com os armadores.

### CONVOCAÇÕES

**Federação de Calçado, Couros e Peles.** — Conselho Confederal. — Para apreciar um assunto da máxima urgência reúne hoje, pelas 21 horas, sendo necessário que nenhum delegado falte.

**Sindicato Unico da C. Civil.** — Secção do Alto do Pina. — A convite da Comissão Mista de Propaganda Sindical do Alto do Pina, devem reunir hoje, pelas 20 horas, todos os componentes da comissão administrativa desta secção, para apreciar um assunto que diz respeito à existência deste organismo.

**Secção Profissional dos Cantoneiros e Polidores de Mármores.** — Na reunião ontem realizada, com a participação de vários componentes da especialidade, resolveu-se convocar para hoje, pelas 20 horas, a assembleia geral a que devem comparecer todos os componentes desta secção a fim de se deliberar o caminho a seguir.

**Manipuladores de Pão.** — Reúne hoje, pelas 13 horas, a direcção, com a presença do antigo tesoureiro, a fim de serem tratados assuntos de grande importância.

**Calceteiros de Lisboa.** — Reúne hoje os corpos gerentes, pelas 20 horas, para tratar dum caso urgente, devendo comparecer a direcção dos construtores de inacad e os membros que constituíram ou constituem o conselho técnico.

**Encadernadores e Anexos.** — Comissão Liquidatária. — Reúne na próxima terça-feira, para continuação dos trabalhos, devendo comparecer todos os componentes.

**Trabalhadores de Teatro.** — Reúne hoje, pelas 17 horas, a assembleia geral da Caixa de Reformas e Pensões da Associação de Classe dos Trabalhadores de Teatro, para tratar da situação dos artistas invalidos não associados.

### SINDICATOS

#### DA PROVÍNCIA

**Sindicato Unico dos Mineiros de Valongo.** — Reúniu há dias a assembleia geral para ser dada posse a nova direcção, tendo feito uso da palavra José da Silva, que muito trabalhou pela organização do sindicato, referindo-se à greve dos mineiros de São Pedro da Cova à qual é necessário prestar toda a solidariedade.

Os novos corpos gerentes ficaram assim constituídos: presidente, Joaquim Gomes; secretário administrativo, José da Silva; secretário geral, Francisco Pinto Gomes; tesoureiro, Joaquim Ramos Vieira; secretário arquivista, Alberto Ribeiro; vogais, João Baptista e Manuel da Fonseca.

Falaram ainda Ramos Vieira e José da Silva, sendo no final da sessão levantados vivos aos mineiros de São Pedro da Cova, C. G. T., A Batalha, etc.

**Corticeiros de Alhos Vedros.** — Reuniram com a representação do pessoal de todas as casas em laboração para se apreciar, além de outros assuntos, a nota oficiosa da F. C. N. na parte referente ao conflito dos rolheiros mecânicos da firma Cabeçadas Lda., sendo, depois de emitidas várias opiniões sobre

# Coliseu dos Recreios

Amanhã — Sábado — Amanhã

## Estreia da Grande Companhia de Circo

**BILHETES À VENDA**

### São Carlos

HOJE: êxito incomparável  
Últimas representações  
**MAGDA**  
Magistral criação de Lúcia Simões  
Preços dos bilhetes mesmo durante o dia: Frisas e camarotes de 1.ª, 2.ª, 3.ª, 4.ª, 5.ª e de 6.ª e Varandas, 2.000.  
Os espectáculos de São Carlos continuam sendo os mais baratos e atraentes da actualidade.  
Terça-feira, 30, em recita de moda  
Estreia de **GUILLERME CAUPERS** com a 1.ª representação da comédia  
**A VINHA DO SENHOR**  
com LÚCIA SIMÕES

BEM PREGA FREI TOMÁS...

### Um Inspector da Assistência Pública que violenta uma menor

É função da Assistência Pública acudir às menores a quem os rigores da vida, rigores originados nas péssimas bases em que assenta a actual sociedade, empurram para a miséria e para a depravação. A Assistência Pública tem até, para esse efeito, uma categoria de funcionários — os inspectores. São eles criaturas estupidíssimas mensalmente para exercerem a função a que acima fizemos referência. E de todo o ponto compreensível e lógico que sejam eles quem se esforcem por impedir que as menores em más condições económicas requeiram para situações especialmente e tragicamente afilivas e degradantes. Evidentemente que não fariam sentido que um inspector da Assistência Pública cometesse actos tendentes a agravar a situação moral e económica das pobres crianças a quem uma péssima organização social deixa ao abandono próximo a todas as corrupções. Um inspector da Assistência Pública que, pessoalmente, contribuisse para aumentar a corrupção pública seria um inultrapassável contrasenso e um dementido estrondoso às funções que justificavam a sua estipendição mensal.

Pois, casos leitores, esse contrasenso, esse estrondoso dementido, existem. Há um homem, um inspector, que cometeu um acto vergonhoso contra uma menor.

O inspector, este para não estabelecer confusões com outros funcionários de igual categoria, chama-se João Florindo Araújo Manças, funcionário do ministério do Trabalho, desempenhando actualmente as funções de inspector das Cozinhas da Provedoria. A sua vítima é a menor de quinze anos, Maria dos Santos.

O caso foi assim passado:

O inspector Manças servindo-se da Assistência Pública, trouxe para sua casa, assumindo as responsabilidades da praxe, a menor Maria dos Santos. A referida menor passou em casa do citado inspector a ser de tal modo tratada que várias vezes manifestou desejos de abandonar a casa do aludido inspector? Deixa ler... tinha certamente, porque um dia o Manças, que é inspector, aproveitando a ausência da sua mulher, lançou-se sobre a menor e, usando de violência, praticou um acto repugnante. Parece-nos dispensável referir em que consiste esse acto a que a pobre rapariga foi forçada a sujeitar-se. Esta maneira de tratar uma menor causa, evidentemente, repulsa a todas as pessoas que ainda têm uma noção do que seja consciência.

Está bem entregue a Assistência Pública, não haja dúvida! Pelo menos este inspector Manças, violentando uma menor, prestou uma explendida e concludente prova da maneira proflua como moralizava menores...

**Teatro Maria Vitória**  
O teatro em foco

**Fenomenal sucesso!**

**TIC-TAC**

**O lindíssimo número O PAPILLON DOS CLUBS**

**MÚSICA**

**Orquestra Sinfónica do Politeama**  
E' hoje que no Politeama abre a assinatura para os 10 concertos da época, pela orquestra Sinfónica de Lisboa, sob a regência do maestro Fernandes Fão. A orquestra, que nos dizem estar esplendidamente organizada, deve executar em cada concerto uma obra nova, compondo-se os restantes programas das mais reputadas obras clássicas e modernas.

o assunto, aprovada uma moção com as seguintes conclusões:  
1.ª — Reclamar da F. C. N. a indicação dos nomes das camaradas a que alude a nota, que prejudicaram a organização em seu proveito, por motivo do conflito da Estrela, bem como a apresentação das necessárias provas.

2.ª — Indicar à F. C. N. o imprescindível dever de orientar todos os factos meramente colectivos, com um sentido também colectivo.

Pela respectiva comissão foram expostos os trabalhos tendentes à aquisição dum sede própria, o que ainda se não conseguiu, pelo que continua nos seus trabalhos.

### AS GREVES

#### Marítimos de Longo Curso

##### NOTA OFICIOSA DO COMITÉ

Camaradas: A nossa luta continua inalterável e sem quebra de ânimos embora os armadores continuem no propósito criminoso de nos querer render pela fome, o que já jamais conseguirão. Os armadores, únicos causadores da situação em que nos encontramos, pretendem fazer vergar a seus pés as classes marítimas, mas lembramos-lhes que da nossa parte já vai faltando a paciência e o pão...

Não somos exigentes, reclamamos, somente o direito à vida, que ninguém nos pode negar.

Todos os proletários, quando reclamam, são atendidos mais ou menos. Não estaremos nós em igualdade de circunstâncias?

Acaso não terão recolhido os nossos exploradores lucros fabulosos para que nos cedem um pouco do muito a que temos jus?

Podemos afirmar sem receio de desmentir que se o não dão é porque não querem e não porque não possam, conforme eles próprios já declararam aos nossos representantes.

Que nenhum marítimo deixe de ser consciente, mantendo-se à altura das circunstâncias, que aconselham firmeza para poderemos sair vitoriosos desta peleja em que estão empenhadas milhares de vidas.

Através de tudo, a nossa luta impõe-se pela nobreza que a caracteriza e pelo espírito de justiça que a norteia: evitar que morramos cobardemente ao canto dos pardieiros juntamente com as nossas companheiras e filhos. E' o indispensável alimento para o estômago que reclamamos e não exageros, conforme os nossos adversários afirmam em entrevistas cedidas aos jornais burgueses.

Como são pequenos os homens que pela sua maldade são os responsáveis da situação que todos atravessamos, sem sabermos ainda aonde nos conduzirá a sua incompetência em matéria de navegação!

Como se o seu nojento regulamento fosse um indiscutível argumento a opor às reclamações por nós feitas, impingem nos jornais, ao público desconhecido da vida marítima, disparates que a ninguém como nós é lícito tomar a sério.

Dizem que os seus encargos são avultados... Mas de quem é a culpa?

A nós não nos cabe a mínima responsabilidade.

Dizem também, o que não podem desmentir, que estavam aptos a dar o aumento mas para isso devíamos aceitar o tal regulamento.

Como se achassem ainda pouco as horas que trabalhamos e como se o estômago fosse viscosa a que não urge atender!

Como são beneméritos, estes senhores que não nos podem dar aumento porque não lhes chega o dinheiro — segundo afirmam — mas a quem é de sobra para pagar aos esbirros que os seguem para todos os lados, a todo o momento.

Porque se não chegam à fala conhecida? Porque não nos atendem?

Tem acasos médios?

Não seremos homens como os outros?

Continuai camaradas, firmes, porque da vossa atitude depende a vitória da causa por que lutais.

A vossa firmeza e a justiça das vossas reclamações garantem o triunfo merecido. A vante, pois!

Viva a greve!

O Comité

### NOTA OFICIOSA DA COMISSÃO DE DEMARCHES

Ainda que a Associação dos Armadores desminta, esta comissão continua empregando os seus esforços junto das empresas armadoras para solucionar o conflito decorrente, provocado por um intempestivo lock-out patronal.

Se não tem voltado a assistir-se com a mencionada Associação é porque nada tem a tratar com esta entidade enquanto para isso não for convidada, visto que na última entrevista não se conseguiu chegar a acordo.

Na imprensa burguesa foi tornado publico pelos nossos adversários que esta comissão se havia recusado a discutir o regulamento por eles elaborado. Evidentemente que outra atitude não poderíamos ter seguido; visto as classes que representamos terem rejeitado em absoluto o referido regulamento.

Camaradas: mais uma vez vos encarecemos a necessidade de manterdes a mesma atitude e agardardes com calma as deliberações do vosso Comité. Recomendamo-vos ainda que não deveis dar crédito às notas oficiosas publicadas sobre o nosso movimento na imprensa burguesa. Confiai apenas no que for publicado em A Batalha.

A Comissão de Demarches.

### Vamos, vamos, vamos todos...

—Aonde?

—Ora, aonde! Ao

## TEATRO APOLO

vêr a impagável revista

**O'PE' DE MEIA**

que se representa

**TODAS AS NOITES**

**AMANHÃ**

Recita do autor Eduardo Schwalbach

NUMEROS

**5 NOVOS 5**

## Ultimas notícias

### A revolução na Alemanha

#### Mortos e feridos

**AIX-LA-CHAPELLE, 25.** — Foram mortos meia dúzia de indivíduos e ficaram feridas muitas dezenas quando os comunistas retomaram a cidade.

Os separatistas defenderam-se durante muitas horas na casa da Câmara.

#### Apreciando os acontecimentos

**MOSCOWIA, 25.** — Nicolai Boucha, min editor do jornal «Pravda» falando num comício operário disse que considerava eminente a guerra civil na Alemanha e que o sexto aniversário da revolução bolchevista na Rússia seria possivelmente comemorado com a junção à Federação Soviética da poderosa Alemanha vermelha.

#### Os separatistas ganham terreno

**DUSSELDORFF, 25.** — Os separatistas apoderaram-se de Mulheim depois de terem tomado Duisburgo. Foram interrompidas todas as comunicações telefónicas e telegráficas com o resto da Alemanha. Noutros pontos manifestou-se um grande movimento de reacção contra os separatistas especialmente da região de Coblenz e de Magúcia.

O território ocupado pelos separatistas é cerca de um terço daquele em que estão as tropas aliadas.

#### Os combates em Bonn

**COLÓNIA, 25.** — Continuem os combates na Câmara Municipal de Bonn entre monárquicos, nacionalistas, conservadores, socialistas e separatistas. Em Grefelt travaram-se colíseis havendo muitos mortos de lado a lado. O super-intendente da polícia foi morto em Coblenz. Os separatistas dominam completamente Duisburgo.

#### O governo bávaro contra os comunistas

**MUNICH, 25.** — O governo bávaro de von Kahr publicou uma proclamação ao povo na qual declara que a revolta e constituição dum governo provisório em Ludwigs-hafen representam uma verdadeira traição, e que foram tomadas as medidas para impedir a circulação de viveres e de quaisquer outros géneros de utilidade para os revoltosos, entre a Baviera e o Palatinado. O primeiro ministro von Kailling encontra-se em Heidelberg esperando o desenrolar dos acontecimentos: O chefe do movimento separatista do Palatinado é o socialista Hitler, antigo membro da Dieta bávara.

#### Proseguem os tumultos

**BERLIM, 25.** — As últimas notícias de Hamburgo dizem que foram batidos todos os núcleos de comunistas havendo apenas pequenos grupos de velhos núcleos importantes que se tinham enclausurado em Berge-dorf foi derrotado pela polícia. As forças de polícia tiveram onze mortos e trinta e quatro feridos. Os rebeldes fizeram fogo contra a polícia utilizando quatro metralhadoras. A marinha imperial desembarcando coadiuvou a polícia.

#### Conferência Metalúrgica

Realiza-se no próximo domingo, na Sociedade de Geografia.

A comissão organizadora previne todos os metalúrgicos que a Conferência se realiza no domingo às 12 horas, na sala da Sociedade de Geografia, rua Eugénio dos Santos, ao lado do Coliseu. Recomenda-se, pois, a todos os camaradas que pretendam assistir a essa magna reunião que se devam munir dos respectivos cartões-convites, que serão distribuídos na sede do Sindicato, amanhã, das 18 às 22 horas, no domingo, das 10 às 11 e 30, e à porta da Sociedade de Geografia, das 11 às 12 horas.

A distribuição de cartões-convites obedece a uma condição apresentada por aquela sociedade científica para a cedência da sua sede, pedindo-se pois à classe o acatamento de tal disposição, como mera formalidade.

A Conferência começará às 12 horas prefixas, atendendo aos muitos trabalhos que há a apreciar.

Alfim de se apreciar definitivamente os trabalhos que dizem respeito à Conferência Metalúrgica, reunem hoje às 20 horas, e em conjunto as comissões administrativa, de melhoramentos e organizadora da Conferência e os delegados à Federação, U. S. O. e C. G. T., pedindo-se também a comparecência dos camaradas das comissões administrativas das Secções do Sindicato.

Fazendas para homem e senhora  
Vende VIRGILIO ARRAIANO  
**COVILHÃ**

## Classes que reclamam

### Ferrovários da Beira Alta

O pessoal dos Caminhos de Ferro da Beira Alta encontra-se indignadíssimo, contra o facto de a companhia lhe ir fazer o desconto mensal de 6 % sobre a importância de 430\$00, a título de caução de fardamento que a companhia perenitemente diz nas suas circulares fornecer grátis, e assim o afirmou ao ministro do Comércio.

Os ferroviários daquelas linhas não podem suportar tantos e tão pesados encargos, em vista do constante agravamento do preço dos géneros e ganância desenfreada do «honrado comércio». Além disso o fardamento foi pedido grátis e de contrário o pessoal está disposto a não o aceitar, no que tem razão, pois que a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses concedeu o mesmo «grátis» e sem encargo algum ao seu pessoal.

—O Sindicato dos Ferrovários da Beira Alta enviou ao ministro do Comércio um telegrama de protesto contra a prisão arbitrária de Mário Castelhano, que, como se sabe, já foi posto em liberdade.

## Um vendido

Pelas 8 horas da manhã de anteontem quando um fornecedor pedia trabalho ao sr. Elias Galgelo, fiscal da Companhia Industrial Portugal e Colónias (Moagem), foi aquele operário preso por um indivíduo chamado Manuel da Costa, que militou na classe dos manipuladores de pão e hoje se diz polícia, tanto assim que conduziu ao Governo Civil, mas pouco depois foi restituído à liberdade, por se ter reconhecido não haver motivo para se manter a prisão. Foi talvez vingança do tal Manuel da Costa, sobre quem há dias a Associação dos Manipuladores de Pão nos enviou uma nota comunicando a toda a organização para se precavar com tal cavalheiro, porque se vendeu à Moagem após o último movimento da classe, sabendo-se, por declarações suas, que faz parte ou tem intimidade com a polícia.

Além disso tirou uma quete a favor dum camarada preso em São Julião da Barra e até hoje ainda não enviou o seu produto ao respectivo Sindicato.

Além disso tirou uma quete a favor dum camarada preso em São Julião da Barra e até hoje ainda não enviou o seu produto ao respectivo Sindicato.

Além disso tirou uma quete a favor dum camarada preso em São Julião da Barra e até hoje ainda não enviou o seu produto ao respectivo Sindicato.

Além disso tirou uma quete a favor dum camarada preso em São Julião da Barra e até hoje ainda não enviou o seu produto ao respectivo Sindicato.

Além disso tirou uma quete a favor dum camarada preso em São Julião da Barra e até hoje ainda não enviou o seu produto ao respectivo Sindicato.

Além disso tirou uma quete a favor dum camarada preso em São Julião da Barra e até hoje ainda não enviou o seu produto ao respectivo Sindicato.

Além disso tirou uma quete a favor dum camarada preso em São Julião da Barra e até hoje ainda não enviou o seu produto ao respectivo Sindicato.

Além disso tirou uma quete a favor dum camarada preso em São Julião da Barra e até hoje ainda não enviou o seu produto ao respectivo Sindicato.

Além disso tirou uma quete a favor dum camarada preso em São Julião da Barra e até hoje ainda não enviou o seu produto ao respectivo Sindicato.

Além disso tirou uma quete a favor dum camarada preso em São Julião da Barra e até hoje ainda não enviou o seu produto ao respectivo Sindicato.

Além disso tirou uma quete a favor dum camarada preso em São Julião da Barra e até hoje ainda não enviou o seu produto ao respectivo Sindicato.

Além disso tirou uma quete a favor dum camarada preso em São Julião da Barra e até hoje ainda não enviou o seu produto ao respectivo Sindicato.

Além disso tirou uma quete a favor dum camarada preso em São Julião da Barra e até hoje ainda não enviou o seu produto ao respectivo Sindicato.

Além disso tirou uma quete a favor dum camarada preso em São Julião da Barra e até hoje ainda não enviou o seu produto ao respectivo Sindicato.

Além disso tirou uma quete a favor dum camarada preso em São Julião da Barra e até hoje ainda não enviou o seu produto ao respectivo Sindicato.

Além disso tirou uma quete a favor dum camarada preso em São Julião da Barra e até hoje ainda não enviou o seu produto ao respectivo Sindicato.

Além disso tirou uma quete a favor dum camarada preso em São Julião da Barra e até hoje ainda não enviou o seu produto ao respectivo Sindicato.

Além disso tirou uma quete a favor dum camarada preso em São Julião da Barra e até hoje ainda não enviou o seu produto ao respectivo Sindicato.

Além disso tirou uma quete a favor dum camarada preso em São Julião da Barra e até hoje ainda não enviou o seu produto ao respectivo Sindicato.

Além disso tirou uma quete a favor dum camarada preso em São Julião da Barra e até hoje ainda não enviou o seu produto ao respectivo Sindicato.

Além disso tirou uma quete a favor dum camarada preso em São Julião da Barra e até hoje ainda não enviou o seu produto ao respectivo Sindicato.

Além disso tirou uma quete a favor dum camarada preso em São Julião da Barra e até hoje ainda não enviou o seu produto ao respectivo Sindicato.

Além disso tirou uma quete a favor dum camarada preso em São Julião da Barra e até hoje ainda não enviou o seu produto ao respectivo Sindicato.



# COMPANHIA PORTUGUESA

## e os seus processos

A C. P. sempre que se lhe proporciona ocasião de ferir os indivíduos que têm a honrabilidade de estigmatizar com toda a energia, o seu número de injúrias que exerce sobre o pessoal operário, pretende, com uma já conhecida atitude jesuítica, atingi-los, sabendo como sabe de antemão que implicitamente atingirá a respectiva organização.

Várias fórmulas adota para demitir, ao mais insignificante pretexto, ou mesmo sem o possuir, agentes que, estiolando-se num constante labutar, tem contribuído para o seu enriquecimento, intensificando os seus lucros quando o pessoal passa uma vida difícil. Assim se vê livre dos mais decididos e dedicados elementos da classe, podendo depois mais à vontade extrair a sua bilis rancorosa contra o que a desenvolvem e fazem progredir.

Não satisfeita com as perseguições que já tem feito, prepara nova vingança sobre os que actualmente sabem enfrentar o seu rancor, o seu ódio, a sua maldade, num inquérito que se está efectuando, sem base nem lógica, simplesmente despoja de pôr em prática os seus desígnios.

Como, porém, não pode envolver-me no mesmo, procura por qualquer outra forma atingir-me, servindo-se para isso da acusação falsa e velha que originou a minha prisão no domingo último.

Erro: desgraçadamente o alvo, visto que nem sequer escolheu ambiente para me fazer conservar na prisão, como é hábito verificar-se infelizmente, um mais prolongado período de tempo.

Há sem dúvida na classe da C. P. uma permanente revolta, filha do incorrecto, desleal e injusto procedimento da empresa que, a explora, mas neste momento nem sequer atrevera a fazer uma satisfação dos desejos da Companhia, porquanto nenhuma agitação de maior vulto se notava, o que não quer dizer que se venha a verificar caso se constate mais violência.

Acusado de tratar sem autoridade, dos assuntos que dizem respeito aos ferroviários, acusação tão insignificante e aliás tão útil que serviu até de base a demonstrar às autoridades o que elas desconheciam e que, ao contrário do que me acusavam, eu provei que sou ferroviário, considerado como tal no 1.º Congresso Ferroviário Português e que, além disso, os ferroviários da C. P. me davam poderes para em conjunto com todos os restantes elementos que os representam, poder defendê-los em todos os campos e lugares.

Desfez-se, portanto, como fumo leveíssimo levado por débil aragem, toda a base da estrondosa acusação da Companhia.

No entanto viu a mesma a minha liberdade oprimida durante quasi três dias, o que nenhum valor tem pela parte do sacrifício, porque nada representa ao pé do que é necessário se faça para se impôr justiça, moralidade e respeito

## SOCIEDADES DE RECREIO

**Sociedade Instrução Musical** — Cruz Quebradaense. Realizam-se nos próximos dias 27 e 28, as festas comemorativas do 43.º aniversário da fundação desta sociedade, com o seguinte programa:

Sábado, 27, às 21 horas, recita por um grupo de amadores, subindo à cena o drama «O Arrependido» e as comédias «Afilhados de Bertoldo» e «Esperteza de Narciso»; em seguida baile abrandado pela distinta pianista D. Judith Lima.

Domingo, 28, alvorada, percorrendo a banda desta Sociedade as localidades de Cruz Quebrada e Dafundo. Às 9 horas, todo aos pobres; às 13, sessão solene e entrega do diploma aos sócios honorários Francisco Ferreira Pita, José Frederico Duque, Joaquim d'Assunção Evaristo e Associação Humanitária de Bombeiros Voluntários do Dafundo. Às 16, concerto musical pela banda da Sociedade Fraternidade de Carnaxide. Às 21, baile abrandado pelo Grupo Musical «Sol de Ouro» de Alcolen.

**Grémio Excursionista «Oriental»** — Em 3.ª convocação reuniu a assembleia geral, que nomeou uma Comissão Administrativa, que ficou assim composta:

Justino da Graça, secretário geral; José da Conceição, 1.º secretário; António Leitão Júnior, 2.º secretário; Bernardino A. Rebelo, tesoureiro; Alexandre J. Lourenço, Humberto França e André Amaral, vogais.

**Trabalhadores:**  
LEDE «A BATALHA».

## OS MISTÉRIOS DO POVO

# A BRAGA DO GRILHETA

POR  
N.º 22 EUGENE SUE 26-10-1923

IX

—Não se mexa... Não se mexa... Olhe que Azor é capaz de falar.

—Fagulha lá da pistola, acrescentou o tio Verdelhão traduzindo as palavras do companheiro.

—Vocês, realmente, são engraçados! exclamou o ladrão sem se bulir, mas principiando a tremer, posto que se esforçasse para rir; o que é que pretendem fazer de mim? Vamos, acabem com a graça, que já se vai prolongando demasiado.

—Pausado, pausado, meu pássaro bisnau! continuou o trapeiro: conversemos um pouco. Tu perguntaste ainda agora porque motivo nós nos revolucionamos... Eu te vou dizer... Em primeiro lugar, não é para arrombar

por falta de pão, a fazer officio de ladões e assassinos, como tu, meu par de bico amarelado.

—Não tenho medo dessa, tio Verdelhão! replicou o Fagulha. Não tenho medo dessa... Eu não preciso roubar; ajudo-o a você e aos outros trapeiros a descarregar as alcóias e a separar o melhor do pior, o bom do mau, etc., etc., aproveito as migalhas que as vezes os próprios cães não querem... aninho-me em qualquer monte de trapos, e durmo à regalação como pedra em poço... Não tenho medo dessa, tio Verdelhão!... Eu cá se me revolução, com todos os diabos! é porque me parece asneira... não poder pescar peixes encarnados no tanque grande das Tulherias... Cada qual com a sua mania... Viva a reforma!... Abaixo os Filipes.

Depois, dirigindo-se ao ladrão, o qual torcendo a ver ao pé de si cinco ou seis operários armados, fazia um movimento para se esquivar:

—Olá! não se mexa! senão faço falar Azor.

E de novo assentou o dedo no gatilho da pistola.

—Mas que pretendem de mim? exclamou o ladrão tornando-se livido à vista de três operários que preparavam as armas, ao passo que outro, saindo da mercearia onde tinha entrado, trazia na mão um rótulo de papel, recentemente escrito por meio de um pincel molhado em tinta.

Um sinistro pensamento fez com que o ladrão se agitasse e exclamou forçando:

# TEATROS & CINEMAS

## Notícias

É definitivamente na recita da moda de terça-feira próxima, em São Carlos, que teremos ali a «première» da comédia de Fiers e Croiset, «A Vinha do Senhor», um dos maiores êxitos da temporada em Paris, onde tem cerca de 400 representações no teatro Gymnase.

Estreia-se nesta peça o amador Guilherme Campers, artista double de «sportmans». No desempenho de «A Vinha do Senhor» toma parte Lucília, e grande actriz, num papel completamente diferente de todos quantos tem interpretado agora.

No 1.º acto «A Vinha do Senhor» o estreante Guilherme Campers desempenha uma cançoneta inglesa intitulada: «Midwinger», estando a cargo da gentil actriz Maria Corte Real o contra canto da canção.

—De dia e de noite está-se ensaiando, no Nacional, a peça histórica de D. João da Câmara, intitulada: «Alcácer Kibir», e que será a de inauguração da época de inverno, a 3 de Novembro. A peça será apresentada com o máximo rigor, sendo nos seus cenários de Salvador, Renda, Serra e Amâncio e Campos & Oliveira. A assinatura já se encerrou e é muito mais elevada do que das épocas transactas. Agora começou a venda livre de compromissos e os bilhetes marcados devem ser imediatamente reclamados.

Chegarão ontem a Lisboa pelo rápido de Madrid os artistas que compõem a companhia de circo que realiza a sua estreia amanhã no Coliseu dos Recreios.

**Reclames**  
E' amanhã que o Coliseu dos Recreios abre as suas portas ao público com a estreia de uma grande companhia de circo que traz no seu elenco os números mais sensacionais que se tem exibido no estrangeiro.

O Coliseu dos Recreios que está completamente remodelado pelas obras que foram executadas na sua vasta sala, abre hoje as suas bilheteiras para a venda de bilhetes.

Reabre hoje ao público o Teatro Avenida, com a apresentação da Companhia Salomé-Amaral. Representa-se a opereta «A Fênix Negra» original de Ernesto Rodrigues, Félix Bermudez e João Bastos, música do maestro Wenceslau Pinto.

—Mais uma noite de intenso entusiasmo e enorme concorrência vai ser a de hoje, em São Carlos, bastando para que tal suceda saber que se repete a «Magda», a empolgando peça, cheia de situações arrebatadoras, na qual Lucília Simões é verdadeiramente magistral.

—A graciosa revista «O Pé de Meia» continua sendo a grande atracção do Apolo, atraindo ali enorme concorrência, que faz repetir muitos dos seus graciosos números. A incomparável revista repete-se hoje, indo também a cena amanhã, em recita de homenagem ao seu autor, e com o atractivo da estreia de 5 números assim intitulados: «A Babiana e o Caspique», «A minhota e o minhoto», «A cega-rega dos 500 contos», «O Fado do Detective» e o «Fox-trô das sepias».

O Apolo vai, pois, ter mais duas formidáveis enchentes hoje e amanhã.

Estreia-se hoje no Salão Foz «La Radiom», graciosa intérprete de peças espanholas, continuando em pleno êxito os duetos «Os Diabólicos», a juvenil celebridade artística «Douglas» (Ele ou ela?) e o jungler aéreo-cômico «Labas».

**CARTAZ**  
S. CARLOS — A 21, 25 — «A Magda».  
NACIONAL — Não há espectáculo.  
S. LUIS — A 21, 25 — «Soubo de Valsa».  
POLITEAMA — A 21, 25 — «As Virgins de Germania».

APOLLO — A 21, 25 — «O Pé de Meia».  
AVENIDA — A 21, 25 — «Pérola Negra».  
EDEN THEATRO — A 21, 25 — «O Chico das Pêgas».

MARIA VITORIA — A 21, 25 e 24, 43 — «Tic-Tac».  
COLISEU DOS RECREIOS — Não há espectáculo.  
PEDIDOS A  
GIL VICENTE — «O Donador de Feras».

AVENIDA PARQUE — (Antigo Parque Mayer) — Recinto de recreios e diversões. Todas as noites «concertos» e lanternações.  
OLIMPIA — A 21, 25 — «Anatolito».  
SALAO FOZ — A 21, 25 e 24, 43 — «Variedades».

CHADO TERRASSE — A 21, 25 e 24, 43 — «Compagnia de Variedades».  
CONDES (Avenida) — Amateigralo.  
CENTRAL (Avenida) — Amateigralo.  
CINE-PARIS (Rua Ferreira Borges) — Amateigralo.

IDEAL (Loreto) — Amateigralo.  
ROSSIO (Praça do Bracara) — Amateigralo.  
CHATEAU (Praça dos Restauradores) — Fitas faladas.  
PROMOTORA (Largo do Calvariado) — Amateigralo.

**Comida caseira**  
Três refeições com abundância e azeite. Experimentem uma semana que ficarão satisfeitos.  
Beco dos Birbantes, 33.

## Propaganda sindical

### Trabalhadores Rurais de Aviz

AVIZ, 21.—No sindicato dos rurais desta localidade realizou-se ontem uma assembleia geral em que se fez excelente propaganda, tendo presidido José Paulo Candeias, e secretário por Adelino Lopes Coelho e Joaquim Garcia.

Usou em primeiro da palavra Custódio Martins Crespo, que se referiu à precária situação dos trabalhadores que em geral estão percebendo risíveis salários, com que não podem enfrentar a pavorosa carestia da vida.

José Casimiro lamenta a situação moral da mulher, de cuja ignorância se aproveita o clericalismo para a fanatizar e a tornar, portanto, um excelente meio de garantir o seu predomínio. Termina incitando os rurais a fortalecerem o seu sindicato e a prepararem-se para a transformação social que, estabelecendo a verdadeira igualdade entre os homens, lhes garantirá o bem estar que lhes é devido.

Joaquim Dias Póvoa lamenta que o povo de Aviz acorresse a colaborar na recente precificação e mostra quanto é prejudicial aos interesses dos trabalhadores deixarem-se arrastar pelos mauejos do clericalismo, que, espalhando o erro e a mentira, procura cimentar o poderio capitalista.

José Manuel Sebastião segue na mesma ordem de ideias e diz que, se a tempo tivesse havido um entendimento, talvez se não levasse a efeito, em Aviz, a fanatizada religiosa. Depois de salientar os terríveis efeitos morais e físicos que para o trabalhador representa a frequência das tabernas, incita os rurais de Aviz a manterem o seu espírito de luta afim de que possam fazer valer os seus direitos.

Por proposta de Joaquim Dias Póvoa é aprovado um protesto contra as perseguições de que em Itália, Espanha, Rússia e Portugal estão sendo vítimas os elementos avançados.

Depois de José Manuel Sebastião ter usado novamente da palavra para encarecer a necessidade de todos os trabalhadores manterem uma estreita solidariedade, encerrou-se a sessão entre grande entusiasmo, tendo sido feita uma queixa em favor dos presos por questões sociais que rendem a quantia de 17\$20.

**LISBOA NA RUA**  
Rendimentos dos operários

No banco do hospital de São José, recebeu ontem curativo, seguindo depois para casa, Armando Dias, de 13 anos, aprendiz de confeitiro, residente na calçada de Santo Amaro, 148, 1.º, que na fábrica da Sociedade Industrial Alcança, na Junqueira, foi colhido pela engrenagem de uma máquina, ficando com o dedo mínimo da mão esquerda esmagado.

**Atropelamento**  
Depois de pensado no banco do hospital de São José, recolheu a casa, Alberto da Silva, de 12 anos, estudante e residente na avenida das Cortes, 142, 4.º, que na calçada dos Paulistas foi atropelado por um automóvel, ficando com uma perna fracturada.

**Doença súbita**  
No pátio do Tijolo, à rua de D. Pedro V, foi acometido de doença súbita o tenente-coronel farmacêutico Júlio Maria de Sousa, director da Farmácia Central de Exercito. Conduzido imediatamente num automóvel da Cruz Vermelha ao hospital de São José, recolheu à sala de observações falecendo às 6 horas.

**Os que morrem**  
FUNERAIS

Pelas 14.30 horas, realiza-se hoje, da rua dos Alamos, 6, 2.º, para o cemitério do Alto de São João, o funeral do menino Cipriano Barbosa Ribas, filho de D. Júlia Barbosa e de Manuel Ribas Prieto e sobrinho dos nossos amigos António e Amal Parada.

**Pedras para isqueiros**  
Legítimo metal Auer única privilegiada e acreditada universalmente por se fazer melhor faísca e que tem maior duração.

Dúzia 50 centavos (custado com as imitações). Venda nos centros a nos milhajeiros, assim como isqueiros, roscas, tubos, pipos e tambores, aos melhores preços para revenda.

**CARLOS A. SANTOS**  
Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

**Pedras para isqueiros**  
Metal Auer, assim como roscas, ócas e maciças, tubos, molas, chaminés de 2 e 3 peças, tampões. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 55.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata, (E' a casa que fornece em melhores condições).

**SUCATAS**  
Compram-se por altos preços cobre, bronze, metal, chumbo, estanho, tipo solda e zinco. R. Nova de Carvalho, 18 (junto ao arco pequeno).

**Pedras para isqueiros**  
Metal Auer, assim como roscas, ócas e maciças, tubos, molas, chaminés de 2 e 3 peças, tampões. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 55.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata, (E' a casa que fornece em melhores condições).

**Imprensa**  
«O Carilhos»  
Recebemos alguns números de «O Carilhos», publicação humorística para entretenimento da infância contribuindo para a alegria das crianças e a sua saúde. «O Carilhos» é uma publicação saudável.

—Ora desce, galopim! disse-lhe o trapeiro puxando-lhe por uma perna, vê lá se queres pimental.

—Não tenho medo dessa, tio Verdelhão, respondeu Fagulha conseguindo desembaraçar-se do velho. Como o espectáculo é de borla... quero ir para a primeira ordem... e disfarçá-lo à minha vontade.

E descobrindo meio corpo acima da barricada, Fagulha deu a língua de fora à guarda municipal, que continuava a avançar. O sr. Lebrén, voltando-se, disse aos que o cercavam:

—Aqueles soldados são nossos irmãos; busquemos pela última vez evitar a efusão de sangue.

—Tem razão... Experimente sempre, sr. Lebrén, disse o ferreiro com as mangas da camisa arregaçadas, e batendo com a unha na pedreira da espingarda; mas verá que é trabalho baldado.

O fangeiro subiu ao alto das pedras amontoadas, e encostando uma das mãos à espingarda, e com a outra agitando o lenço, fez sinal aos soldados que desejava parlamentar.

Os tambores pararam no toque de investida, e deram um rufo que foi seguido de profundo silêncio.

Numa das janelas do primeiro andar da casa do fangeiro, a esposa deste e a filha, quasi escondidas pelas taboas, que abriram um pouco, estavam ao lado uma da outra, pálidas, mas sossegadas e resolutas. Não perdiam de vista o sr. Lebrén, que falava aos soldados, e o filho que, com a espingarda na mão, subiu logo a bar-

ricada para defender o pai se fosse preciso.

Jorge Duchêne dispunha-se a retomar-se, quando lhe puxaram fortemente pela blusa. Voltou-se, e viu Pradelina com as faces animadas, e arrojando de canção. Os defensores da barricada encardando a rapariga com surpresa, tinham-lhe dito, enquanto ela procurava abrir passagem para chegar ao pé de Jorge:

—Não fique nesse lugar, porque é perigoso, menina.

—Josefina, aqui exclamou Jorge, tupefacto vendo Pradelina.

—Ouça-me, sr. Jorge! respondeu ela com voz suplicante. Ontem fui duas vezes a sua casa sem que lhe pudesse falar... Deixei-lhe dito que viria esta manhã... E para esse fim, atravessando muitas barricadas, etc.

—Vá-se embora! exclamou Jorge. A senhora vem procurar a morte neste lugar... Não pode estar aqui.

—Jorge! venho avisá-lo... venho... Pradelina não pôde acabar.

O sr. Lebrén, que debalde tinha parlamentarado com um capitão da guarda municipal, voltou-se exclamando: —Preferem a guerra!... Pois bem! haja guerra... Esperem que eles atrem... e depois respondam-lhes com uma descarga cerrada...

Continua

# A BATALHA

## NA PROVÍNCIA NOS ARREDORES

### COIMBRA

#### Os grandes interesses... duma cidade e o papel desempenhado pela «boa imprensa»

Depois da «garralada» que no domingo vários amigos do cavaleiro Adolfo Machado promoveram, e que a natureza houve por bem inutilizar, enviando uma boa chivada qual protesto pelo desumano espectáculo em que a besta humana foi mais feroz do que o pobre «garral», vá de «boa imprensa» começar a incitar os burgueses e «endinheirados a que sacrificiem temporariamente alguns «magros» escudos fazendo construir na pretensa cidade da cultura uma praça de touros, que terá um grande monumental!

Chama a imprensa desta linda terra de «primeira Universidade» do país, à construção duma praça de touros, sonde a besta humana espiçará brutalmente os pobres animais, um melhoramento e um progresso de que Coimbra necessita, para se tornar grande...

(um pouco de bairrismo por causa da «praça» da visinha Figueira da Foz) no «trazo» da evolução: mas num ataque infame e nojento à Natureza e à Vida, ela—Coimbra—precisa de um circo para degradatione de feras...

Pobres espiritos!—degradante papel o da tal imprensa, cuja missão—Sublime—o da educação e o retrato palpável do desenvolvimento intelectual dum povo amachuchado pela defesa dos interesses de meia dúzia de banqueiros sem escrúpulos e sem consciência.

«Mas, acaso, devemos nós estranhar que a tal imprensa católica-burguesa defenda esse projecto de «retrocesso», se ela é a mesma que defende a construção dum monumento, não a Pastre, cuja missão na vida foi de trabalhar para bem da humanidade—mas sim aos mortos de Coimbra na grande guerra—guerra provocada por mais dúzias de criaturas que fizeram trucidar nos campos de batalha milhões de seres humanos, para que as suas fortunas subissem sempre, para completo esmagamento da grande legião de escravos que luta pelo Bem de todos os seres?»

Decerto que não, e é por isso mesmo que o nosso protesto se ergue a duas iniciativas que são um crime. Ante a ideia duma praça de touros, devido aos seus espectáculos bárbaros, e ante o monumento que é um desafio à Liberdade do homem.—C.

**MARINHA GRANDE**  
24 DE OUTUBRO  
A carestia da vida e os assambradores

Por aqui também abundam as ladroes e não exageramos afirmando que esta terra está transformada numa verdadeira Falperia. O pão, um dos artigos de primeira necessidade, está sendo objecto de uma especulação escandalosa, pois vendem-se a \$300 e \$340 o quilo, não sendo a maior parte pesada.

Nos mercados da Vieira e daqui, tem aparecido umas criaturas de ambas as sexos que assambram de tal forma os ovos, a criação, milho e frutas, que o povo se vê na extrema necessidade de ter que lhes comprar pelo preço que elles entendem.

As autoridades assentaram arraias cá na vila para correr com a matulação da granada, mas parece que mudaram de tática e foram assentar as suas baterias para os subúrbios onde assambram tudo.

O trabalhador que ao sábado recebe uns besuntados papéis em troca do seu esforço, e que aguenta com toda esta roubalheira.—C.

**Juntas de Freguesia**  
A Junta das Escolas Gerais convém todas as Juntas de Lisboa e comparceça no próximo domingo, às 17 horas, na sua sede (edifício de S. Vicente) para tratar de assuntos de maior importância para a população da cidade.

**Comunidade dos Anjos**—Para tratar de assuntos de inadiável resolução, reúne-se hoje, sexta-feira, pelas 20.30 horas, a Comissão Administrativa.

**Comuna 7 de Novembro de 1917**—Reúne a assembleia geral, que deliberou reunir no próximo dia 30, para assuntos de grande importância que se prendem com o próximo congresso paritário.

**Imprensa**  
«O Carilhos»  
Recebemos alguns números de «O Carilhos», publicação humorística para entretenimento da infância contribuindo para a alegria das crianças e a sua saúde. «O Carilhos» é uma publicação saudável.

—Ora desce, galopim! disse-lhe o trapeiro puxando-lhe por uma perna, vê lá se queres pimental.

—Não tenho medo dessa, tio Verdelhão, respondeu Fagulha conseguindo desembaraçar-se do velho. Como o espectáculo é de borla... quero ir para a primeira ordem... e disfarçá-lo à minha vontade.

E descobrindo meio corpo acima da barricada, Fagulha deu a língua de fora à guarda municipal, que continuava a avançar. O sr. Lebrén, voltando-se, disse aos que o cercavam:

—Aqueles soldados são nossos irmãos; busquemos pela última vez evitar a efusão de sangue.

—Tem razão... Experimente sempre, sr. Lebrén, disse o ferreiro com as mangas da camisa arregaçadas, e batendo com a unha na pedreira da espingarda; mas verá que é trabalho baldado.

O fangeiro subiu ao alto das pedras amontoadas, e encostando uma das mãos à espingarda, e com a outra agitando o lenço, fez sinal aos soldados que desejava parlamentar.

Os tambores pararam no toque de investida, e deram um rufo que foi seguido de profundo silêncio.

Numa das janelas do primeiro andar da casa do fangeiro, a esposa deste e a filha, quasi escondidas pelas taboas, que abriram um pouco, estavam ao lado uma da outra, pálidas, mas sossegadas e resolutas. Não perdiam de vista o sr. Lebrén, que falava aos soldados, e o filho que, com a espingarda na mão, subiu logo a bar-

ricada para defender o pai se fosse preciso.

Jorge Duchêne dispunha-se a retomar-se, quando lhe puxaram fortemente pela blusa. Voltou-se, e viu Pradelina com as faces animadas, e arrojando de canção. Os defensores da barricada encardando a rapariga com surpresa, tinham-lhe dito, enquanto ela procurava abrir passagem para chegar ao pé de Jorge:

—Não fique nesse lugar, porque é perigoso, menina.

—Josefina, aqui exclamou Jorge, tupefacto vendo Pradelina.

—Ouça-me, sr. Jorge! respondeu ela com voz suplicante. Ontem fui duas vezes a sua casa sem que lhe pudesse falar... Deixei-lhe dito que viria esta manhã... E para esse fim, atravessando muitas barricadas, etc.

—Vá-se embora! exclamou Jorge. A senhora vem procurar a morte neste lugar... Não pode estar aqui.

—Jorge! venho avisá-lo... venho... Pradelina não pôde acabar.

O sr. Lebrén, que debalde tinha parlamentarado com um capitão da guarda municipal, voltou-se exclamando: —Preferem a guerra!... Pois bem! haja guerra... Esperem que eles atrem... e depois respondam-lhes com uma descarga cerrada...

Continua

## MARITIMOS DE LONGO CURSO

# O regime de servidão de fogo é inaceitável

## O regulamento que se pretende impôr ao pessoal de fogo é inaceitável

Val em 3 meses pediram as Classes Marítimas de Longo Curso (fogueiros, marinheiros e pessoal de câmaras) aumento de salário, porque a isso os obrigou a subida constante dos géneros mais necessários à vida, géneros esses que são vendidos por cristuras pouco escrupulosas, que, tendo consentimento da parte dos governantes, roubam descaradamente o que do trabalho vivem.

Mas qual não foi o espanto das mesmas classes, quando, passados 2 meses, por resposta ao seu pedido, receberam da mão dos srs. Armadores o Regulamento que para os efeitos de serem aumentados, teriam os representantes das mesmas classes que aprova-lo.

Esse Regulamento foi repudiado pelas classes em luta, o que nas mesmas classes criou maior número de revoltados.

Nesse Regulamento eram obrigados os marinheiros a trabalhar por semana 84 horas, pessoal de câmaras, 98 horas, e na secção do fogo acabariam os paioleiros, reduziram os azeiteiros, chegados e fogueiros, obrigando estes a trabalhar com 4 bocas de fogo e a encerrar cinzas, trabalho que pertence aos chegados (porque para isso já de há muito marcam horas extraordinárias).

Srs. Armadores quem vos disse que o pessoal do fogo podia ser reduzido? Quem lhes meteu no cérebro a ideia de o fogueiro poder trabalhar com 4 bocas de fogo e não com 3, que para não matar é o suficiente?

Quem lhes disse que numa casa de máquinas podiam prescindir dos paioleiros?

Não sabem? Foi a vossa inépcia. Foi o pouco conhecimento que tendes, devido a não precisardes de trabalhar; é a má vontade que vos impele a desgraçar o pessoal.

Trabalhando com 3 bocas de fogo, já muitos camaradas meus tem vindo em braços das casas das caldeiras, por não poderem aguentar o seu árduo trabalho sob uma temperatura de 150 e 160 graus de calor. Isto não é exagero! Isto não é mentir! Isto são factos que se podem provar pelos «Diários da Navegação».

«Quantas vezes em jejum (porque o comissário deu alvória pôde à tripulação), trabalhamos ao fogo, debaixo de mau tempo, e ainda atarefados em reparações de máquinas e seus auxiliares, avarias que se dão com mais frequência quando há temporal, e que encerrados em suor somos obrigados a entrar em cavernas cheias de água e óleo, para desentupir um ralão que muitas das vezes é a salvação dos tripulantes, dos passageiros e do navio!»

Não conhecem isto, srs. Armadores



